
Mulher no rádio de fronteira: produção jornalística e comunicação na RCC FM de Santana Do Livramento – RS¹

Marjorie Barros BOCK²
Vera Lucia Spacil RADDATZ³

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, RS

RESUMO

Este artigo apresenta um recorte dos resultados do Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo sobre a mulher no rádio de fronteira. A partir de um estudo de caso, o texto discute a representação da mulher no programa Jornal da Manhã, produzido e apresentado por Keila Louzada na RCC FM de Santana do Livramento, fronteira com Rivera, Uruguai. A proposta é analisar como a mulher está inserida no programa, seja como notícia, convidada ou especialista. A pesquisa constitui-se pela observação *in loco* da rotina e da transmissão do programa, de entrevistas com a apresentadora e a diretora, bem como de consultas à bibliografia de referência para a compreensão de gênero e rádio de fronteira. Este estudo aponta para a necessidade de o rádio de fronteira abrir espaços para a mulher discutir sobre o preconceito e a violência que ela sofre na sua realidade.

PALAVRAS-CHAVE: rádio de fronteira; RCC FM Livramento; jornalismo; mulher.

INTRODUÇÃO

A mídia radiofônica é um espaço que reúne requisitos para que se estabeleçam as discussões de gênero, a partir de temas que envolvem, principalmente, a mulher que, atualmente, em razão das discussões dos direitos humanos e do feminismo, está ganhando mais visibilidade em uma sociedade que ainda carrega marcas do sistema patriarcal. O jornalista possui caráter fundamental na construção da realidade a partir das notícias que produz e da abordagem jornalística e atua como mediador das relações sociais, contribuindo para o direito à informação, por meio de boa apuração e pelo compromisso com a veracidade.

Neste texto, a abordagem se propõe a pensar a realidade midiática da fronteira a partir do rádio, analisando a presença da mulher nesta mídia. O tema da fronteira se justifica porque além de estar em evidência neste momento da história, especialmente

¹ Trabalho apresentado na DT – Comunicação Audiovisual do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Graduada em Comunicação Social – Habilitação: Jornalismo pela Unijuí; e-mail: marjbock@gmail.com

³ Professora do PPGD e dos Cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Unijuí; Coordenadora do Projeto de pesquisa Mídia e Sociedade: o direito à informação; e-mail: verar@unijui.edu.br

pelo movimento das migrações em todo o mundo, também se relaciona ao projeto de pesquisa desenvolvido na graduação e ao Trabalho de Conclusão de Curso, do qual este artigo é um recorte. O objetivo deste texto é o de compreender melhor como a mídia radiofônica de fronteira tem atravessado o processo de desenvolvimento tecnológico e, ao mesmo tempo, qual é o espaço que tem destinado à mulher como comunicadora e profissional.

Para melhor delimitar a pesquisa, fundamenta-se metodologicamente, no estudo de caso sobre a emissora RCC FM de Santana do Livramento, especificamente do programa *Jornal da Manhã* com o acompanhamento *in loco* da transmissão de uma edição do programa, a fim de se observar de que maneira a emissora tem trabalhado com estas questões na prática. Localizada na fronteira oeste gaúcha, na divisa com Rivera, no Uruguai, a RCC destaca-se dos demais veículos de comunicação do interior por adotar um perfil tecnológico. O programa escolhido para ser o estudo de caso, apresentado pela radialista Keila Louzada, adota o formato “rádio com imagem” assim conceituado por Débora Lopez (2012). Ao mesmo tempo em que é transmitido ao vivo pela 95.3, também possui transmissão *online* através do site da TV A Plateia, com um link redirecionando à página do *Facebook* da emissora. Esse diferencial retrata a necessidade da empresa em encontrar estratégias para evoluir conforme as inovações tecnológicas.

Esse artigo pretende então, analisar como acontece a presença e a representatividade feminina nesses espaços da mídia, uma vez que a imagem da mulher foi construída historicamente embasada em uma estrutura cultural totalmente patriarcal. Dessa forma, a partir do referencial teórico, de análises e entrevistas foi possível realizar a pesquisa sobre como essa emissora trabalha com as questões de gêneros dentro de sua programação, apresentando um recorte tal qual a mídia radiofônica da fronteira aborda e enxerga temas relacionados com a mulher e frente à convergência midiática.

Fronteira: uma região para além dos limites

Historicamente a região da fronteira é marcada por conflitos. Por ser um território de transição de pessoas e produtos é também visto como um ambiente periférico nas relações de poder, sua representação é geralmente associada a um espaço de violência por conta dos crimes de tráfico e contrabando, em detrimento da integração existente entre as nações vizinhas.

Para compreender a fronteira é indispensável uma leitura inicial sobre o contexto sócio-histórico na qual ela está inserida. Como um espaço de diversidade onde coexistem identidades, nela convivem novas e diferentes realidades socioculturais. Raddatz (2009, p. 21) explica que:

O termo fronteira vem do latim, *fronteria* ou *frontaria*, a parte do território que fica *in fronte*, nas margens. No idioma inglês, temos: *frontier* e *border*, que dizem respeito, respectivamente, ao espaço territorial de nação e ao espaço internacional. De qualquer modo, ambos nos conduzem à ideia de dualidade que aí reside. Aliás, isso é uma constante, pois ao pensar em fronteira automaticamente nos vêm à cabeça outros dualismos além do nacional e do internacional, como: local e regional, nacional e estrangeiro, identidade e diferença, o eu e o outro, espaço e tempo, físico e virtual.

Santana do Livramento faz fronteira com Rivera no Uruguai e está situada na região da Campanha, é um dos municípios mais antigos e o segundo maior em extensão territorial do Rio Grande do Sul com 62.681 km² o que representa aproximadamente 22% da área territorial do Rio Grande do Sul.

No aspecto cultural, as mãos que conduzem os *tererés* se misturam com as que seguram o chimarrão, é difícil reconhecer e diferenciar a água quente da fria, assim como o que acontece com a pluralidade de culturas e línguas que são miscigenadas nas ruas de Livramento e Rivera. Como Müller (2012) relata: “se por um lado há incorporação de alguns hábitos dos povos do país vizinho, como expressões idiomáticas, por outro, há constatação da aceitação e preservação de diferenças” (p. 72).

A imagem retratada sobre a fronteira na mídia é estereotipada. O clima tenso com que seus moradores lidam, diariamente, por conta da violência, contrabando ou tráfico é divulgado através de notícias e reportagens que constroem e formam a representação da fronteira para as outras regiões. Não pela sua natureza arbitrária, em que é preciso atender aos rituais fronteiriços quando se passa na aduana, mas pela ordem natural, a fronteira é um espaço físico em que as identidades primárias do lugar foram interrompidas pela formação do território, e foi se construindo como uma região longínqua dos grandes centros de decisão do país. Por conta dessas características, esses locais do mundo geralmente aparecem na mídia com uma representação negativa, associada ao crime e ao ilícito e, portanto, a mídia também contribuiu para a difusão desse tipo de imagem.

Questões de gênero na fronteira: mulher e violência

A utilização do conceito de gênero indica que a condição da mulher não seja determinada pela sua essência feminina. A classificação tradicional do feminino e masculino como sexo sempre fez com que a sociedade enxergasse a mulher a partir de sua natureza e de seu corpo, destinando-as à promiscuidade, sendo encaradas como seres, primordialmente, sexuais. É o que explica Ana Maria Colling (2014, p. 28):

Falar em gênero em vez de falar em sexo, indica que a condição das mulheres não está determinada pela natureza, pela biologia ou pelo sexo, mas é resultante de uma invenção, de uma engenharia social e política. Ser homem/ser mulher é uma construção simbólica que faz parte do regime de emergência dos discursos que configuram sujeitos. Neste sentido, é necessário criticar, desmontar estereótipos universais e valores tidos como inerentes à natureza feminina.

A necessidade dessa definição surge a partir da tentativa em contemplar uma fala androcêntrica que, ao articular sobre a sociedade, abrangia todos os seres. A importância de utilizar esse conceito é a de indicar que a condição das mulheres não é mais restrita a sua natureza, ao fato de que menstruam e engravidam, comprovando que as características físicas não inferiorizam ou magnificam. O gênero diferencia, socialmente, as pessoas, levando-se em consideração os padrões histórico-culturais atribuídos aos homens e às mulheres.

A partir desse discurso, é necessário desconstruir um estereótipo produzido ao longo da história: a feminilidade para a sociedade explicita os limites impostos pela sua natureza, uma vez que a hierarquia da diferença dos sexos garantiu o privilégio ao ideal masculino sob a desculpa da diferença dos sujeitos perante a sua estrutura física. Como explica Colling (2014) a sociedade tipificou a mulher a partir de seu corpo e de suas produções, fechando-a na reprodução e na afetividade. A natureza destinava as mulheres ao silêncio e à obscuridade, impossibilitando-as de outras formas de criação.

Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura. (BUTLER, 2017, p. 27)

O discurso masculino sobre o corpo da mulher naturaliza a feminilidade a partir da capacidade de reprodução, expressando que a condição feminina se dá apenas pela

maternidade. Essa fala confirma a desigualdade hierárquica vivida na sociedade. Pierre Bourdieu (2014) explica que a definição social dos órgãos sexuais não é apenas um registro de propriedades naturais, mas “produto de uma construção efetuada à custa de uma série de escolhas orientadas, ou melhor, através da acentuação de certas diferenças, ou do obscurecimento de certas semelhanças”. (BORDIEU, 2014, p. 29).

No território fronteiriço, esse contraste social é ainda mais acentuado por conta da identidade cultural desta região, composta por diferentes elementos que caracterizam os povos que nela residem. Os modos de vida, as línguas ali presentes e os valores fazem com que estudar a violência de gênero na fronteira seja ainda mais complexo e delicado. A existência dessa identidade, causada por uma interação social entre as diferentes culturas, efetiva um conjunto de costumes e valores de uma população que se reinventa para habitar uma área.

A imagem da mulher na mídia de fronteira está, frequentemente, associada à violência ou a violação dos direitos de gênero. As representações sociais de gêneros se caracterizam por repassar uma figura constrangedora da mulher, refletindo sobre aquilo que é retratado nos veículos de comunicação, na maioria das vezes, espelhando a opinião que provém da sociedade em si.

A condição fronteiriça impõe desafios específicos para resolver os acontecimentos próprios da violência de gênero. Por se tratar de uma área onde os problemas com a criminalidade e a segurança são postos em evidência para serem solucionados com urgência, casos de violência contra a mulher, por exemplo, recebem uma atenção secundária e levam mais tempo para serem resolvidos, o que representa que existe uma carência de projetos destinados a esse fim.

Conforme dados divulgados pela Secretaria de Segurança Pública (SSP) - Departamento de Integração, Planejamento e Política de Segurança - Observatório Estadual de Segurança Pública no início de 2018, a cidade de Santana do Livramento possui uma população feminina de 43.088. Desse total, 337 mulheres foram casos de violência em 2017 no município que faz fronteira com o Uruguai. Das cidades fronteiriças gaúchas, Livramento é a segunda com mais dados relatados desde 2012: 1.767, segundo informações do site da Secretaria de Segurança Pública (SSP, *on line*).

Muito mais importante do que divulgar o fato ocorrido, é analisar o contexto histórico e social onde este fato acontece. Portanto, em vez de noticiar crimes contra a mulher, o jornalismo pode analisar a questão profundamente, não no sentido de investigar

o crime, mas buscando desconstruir os discursos preconceituosos, contribuindo para tecer a vida que emerge da fronteira, ciente dos seus problemas, dos seus conflitos, e também de práticas socioculturais que atravessam o limite do visível. Assim, o jornalismo corresponderá aos princípios do direito à informação dos cidadãos e o respeito aos direitos humanos.

Rádio na fronteira Livramento/Rivera: a presença da mulher na RCC FM

A emissora escolhida para o estudo de caso analisado aqui é a RCC FM, rádio integrante do Grupo A Plateia de Santana do Livramento, cidade que faz fronteira com Rivera no Uruguai. Inaugurada em 1983, teve como proprietários iniciais Roberto Ross Netto, Claudio Omar Haubmann, Jorge Augusto Saldanha Laurent, Edgar Sanchez Laurent e Alfrânio Mello Franco Nabuco. Nessa época, integrava uma rede de mais duas emissoras localizadas em Pelotas e Rio Grande, na região sul do Rio Grande do Sul. O hotel Portal foi sua primeira sede e a emissora é caracterizada por uma programação de perfil jovem.

A rádio RCC FM é integrante do grupo A Plateia de comunicações, que também possui o Jornal, a TV e o provedor de internet A Plateia. Em 2004-a família Brada assumiu como proprietária. Sob nova direção, muda-se o formato com novos programas, a fim de criar um diferencial na emissora. Segundo o diretor de Operações do Grupo, Kamal Brada, nesse tempo a informação também começa a tomar espaço e um novo perfil de rádio é definido dentro da empresa. O perfil adulto de uma rádio voltada à comunidade continuou, porém foram incrementados estilos diferentes de programas, como o esportivo.

Os assuntos que constituem os programas refletem no cotidiano e na realidade da fronteira, pois ouvintes tanto do território uruguaio como das terras brasileiras ouvem a rádio e interagem com os profissionais. Conforme informações do censo uruguaio de 2011, 12.882 pessoas declararam o Brasil como seu país de nascimento. Em Rivera, segundo o portal "Brasileiros no Mundo" do Ministério das Relações Exteriores, as informações são de que 3.572 brasileiros residem na cidade de Rivera.

No Grupo A Plateia o time feminino é significativo. Especificamente na rádio RCC FM são quatro: Keila Louzada, locutora, produtora e operadora; Laura Saraiva, diretora comercial; Michelle Peres Velazco, vendedora de anúncios e Janete Brada, diretora do Grupo, setor de recursos humanos e financeiro e também participa na locução.

A emissora RCC FM é caracterizada como uma rádio voltada para a comunidade e prioriza a informação. Conforme os profissionais entrevistados que compõem o grupo, o propósito principal é realizar um trabalho de qualidade para o público, com segurança em relação aos problemas que são trazidos pela comunidade. Por constituir fronteira diretamente com a cidade de Rivera, a emissora de Livramento tem seu leque de pautas maior pela posição geográfica que ocupa.

Com muitos ouvintes uruguaios e também os chamados *doble chapa* (cidadãos com dupla nacionalidade: brasileira e uruguaia), a rádio recebe mensagens diárias de moradores de Rivera, os quais contribuem para a produção dos programas. A radialista Keila Louzada⁴ destaca que “parece que não tem duas cidades”, uma vez que o trabalho das polícias acontece em conjunto e, assim, auxilia e resulta na união que agrega em melhorias aos habitantes da fronteira. Outro exemplo dessa cooperação é durante a semana binacional do trânsito, a partir do trabalho em conjunto dos Departamentos de Trânsito das duas cidades.

Estruturalmente, a emissora é uma das melhores em termos tecnológicos da região interiorana, os diretores investem cada vez mais em equipamentos para aperfeiçoar o trabalho dentro da empresa. O último investimento foi a tecnologia *tieline*⁵ a fim de melhorar a qualidade do áudio que o repórter da previsão do tempo, Luiz Fernando Natchigall, utiliza. Ele faz a gravação pelo celular e, com essa tecnologia, a transmissão não sofre interferência de chiados e oferece a facilidade de transmitir ao vivo para externas com maior qualidade.

O avanço tecnológico da RCC influencia até certo ponto da audiência, mas o ouvinte é de fato o que mais interessa, pois o rádio, em síntese, se faz de forma simples e objetiva. A tecnologia é importante, porque dá acesso à notícia instantaneamente, e isso facilita porque um mesmo profissional durante o horário de trabalho, mesmo fazendo locução, dá conta de captar várias informações e produzir quadros e programetes, buscando e trocando material pela internet e pelo telefone de dentro do próprio estúdio. (RADDATZ, 2009, p. 113)

Compreender o papel da mulher na mídia contemporânea é um desafio, visto que a sociedade ainda é predominantemente machista. Essa ideologia patriarcal surge a partir

⁴ Keila Louzada: entrevista pessoal, concedida em 21 de setembro de 2018. Rádio RCC FM, Santana do Livramento.

⁵ Aparelho que utiliza a internet para enviar dados de áudio. No estúdio da rádio tem uma central que disponibiliza 10 IP ou seja, 10 pessoas poderiam falar pelo link do *tieline*. A quantidade dele é superior, porque o número de dados que ele envia é muito maior que o telefone fixo, melhorando assim a comunicação.

da divisão de trabalho e bens, segundo Castañeda (2006) o machismo é a compreensão de que exista uma polarização dos sexos, instituindo que o masculino seja representado como superior. A negligência dos veículos de comunicação é a maneira como são representadas as questões de gênero, em consequência, quando uma mulher jornalista ocupa um espaço na mídia, esse lugar é, geralmente, em programas de beleza, colunas de moda e comportamento, contribuindo para a construção de uma ideia preconcebida da mulher.

Por localizar-se na fronteira direta com a cidade de Rivera no Uruguai, a linguagem da rádio estudada é bem específica, uma vez que o português falado pelos bilíngues dessa região é um dialeto do português brasileiro urbano. O português gaúcho da fronteira tem um recorte do pampa com predomínio da linguagem gauchesca. Um exemplo disso acontece quando se informa a previsão do tempo, Keila utiliza na programação o termo “babar água”, para falar sobre a chuva que se aproxima nos próximos dias. O “portunhol” é fruto do trânsito, da migração e do intercâmbio entre os dois países, da interação social e da necessidade da comunicação imediata entre as pessoas. Podemos considerar o “portunhol” como uma língua étnica, segundo STURZA (2004). Segundo a mesma autora, a fronteira possui várias línguas que circulam pelo seu espaço.

Em zonas fronteiriças, tão socialmente diluídas como as do Brasil com o Uruguai, é natural que o relacionamento dos falantes com as línguas seja uma consequência das características sociais, geográficas e históricas do processo de formação das comunidades existentes nas zonas limítrofes desses países. Neste sentido, o modo como os falantes se relacionam com as línguas é determinante para caracterizar a distribuição das línguas no espaço geográfico e social do qual se constitui a região da fronteira. (STURZA, 2004, p.152)

Metodologicamente, esta pesquisa baseia-se no estudo de caso sobre a emissora RCC FM de Santana do Livramento. No intento de realizar o trabalho com maior cautela e observar todos os pontos necessários foi escolhida também a análise de material em áudio para colocar em prática a pesquisa, além do acompanhamento *in loco* de um programa e as entrevistas realizadas com duas profissionais que trabalham no grupo. Para a análise final, optou-se por observar a transmissão de três programas em dias alternados, com o propósito de compreender como são tratadas questões relacionadas à mulher no programa Jornal da Manhã.

É nítido perceber como as pautas relacionadas com a mulher envolvem casos de violência. Nos dias analisados essas pautas giraram em torno de feminicídios e agressões

sofridos por mulheres em situação de vulnerabilidade. Segundo os profissionais que lidam com a informação é possível observar o aumento dos casos referentes à violência contra a mulher nos finais de semana, isso apenas a partir dos dados das ocorrências que são denunciadas, deixando de lado os que acontecem, mas as vítimas decidem não ir à Delegacia. Assim, também são pensadas maneiras de incentivar a mulher na procura de ajuda, a fim de garantir que a partir dessa denúncia não irá sofrer medo ou tornar-se vulnerável. Keila ressalta que esse incentivo é feito a partir de falas durante a divulgação das informações garantindo que a Lei Maria da Penha as ampara e assegurar o acesso à psicóloga e à assistência social para auxiliá-las.

Quando questionada sobre a pauta específica sobre a mulher, Keila responde que geralmente dá preferência para essas pautas quando aparecem em destaque nos sites que ela busca as informações. A apresentadora conta que geralmente essas pautas são as que mais geram engajamento, e o Grupo A Plateia, pensando na venda do produto (nesse caso, a notícia), precisa pensar estrategicamente na publicação de algumas notícias para trazer a atenção do público. “Infelizmente as pessoas gostam e dão mais audiência para os casos de polêmicas, geralmente ligados à violência contra a mulher”, relata Keila.

É possível perceber que a emissora tem se preocupado nos últimos anos com uma programação especial pensada no Dia Internacional da Mulher, comemorado em 08 de março. A rádio organiza programas voltados às temáticas femininas e traz especialistas mulheres de diferentes assuntos para fazer parte da apresentação do programa Conversa de Fim de Tarde. A mesa, que normalmente é composta majoritariamente por homens e apenas Keila, é constituída nesse dia apenas por mulheres que articulam e debatem sobre suas opiniões nas mais diversas áreas.

O espaço de voz às mulheres é maior em outros programas, principalmente naqueles em que o foco são as entrevistas, diferente do que acontece no Jornal da Manhã onde ocorre principalmente a leitura de notícias. Nesses então, a emissora busca mostrar o espaço que a mulheres vêm conquistando e uma visão mais “positiva” da mulher, pois segundo Keila o público ainda dá mais destaque às pautas que associam as mulheres às polêmicas. Os profissionais do radiojornalismo do Grupo A Plateia pretendem mudar essa visão a partir de pautas que empoderem e deem autonomia para a mulher. Como explica Keila: “acreditamos que somos um grande influenciador na comunidade, e essa influência busca divulgar e incentivar a valorização das mulheres”.

Os critérios na divulgação de informação quando relacionados à violência contra a mulher são importantes. A emissora tem cuidado para não divulgar o nome e nem o rosto das vítimas, a fim de preservar sua integridade. Quando é relacionado à Lei Maria da Penha ainda evitam dar detalhes para não violar mais os direitos da vítima, não expondo o caso, visando apenas a informação da população a fim de também conscientizar os ouvintes a partir daquela notícia. Esse cuidado em não expor a vítima é por conta das muitas mulheres que depois retiram a queixa com medo da família descobrir.

Essas atitudes podem ser explicadas através da construção social em que a figura da mulher está envolvida, fazendo com que muitos pensamentos machistas de uma sociedade predominantemente patriarcal se concretizem na forma de violência (seja ela física, emocional ou psicológica) contra as mulheres. A ideologia machista observada cada vez mais acentuada na condição da mulher gaúcha, principalmente a mulher de fronteira, marca uma verificação no cancionero gaúcho, onde a mulher é apresentada e descrita a partir da sua relação com a imagem do “peão”. Essas representações povoam e são comuns no imaginário popular gaúcho, aqui notável na região fronteira. O culto às tradições regionais em função da construção histórica dessas áreas, colabora para a criação da imagem de uma mulher idealizada a partir daquela que vivia no campo.

O tradicionalismo gaúcho é considerado um dos maiores movimentos culturais do mundo contemporâneo, pois compreende um conjunto de atividades que visa celebrar a figura do gaúcho. A história literária do Rio Grande do Sul teve embasamento e foi retratada conforma a figura machista e valente de um gaúcho que “andava pelos pampas em busca de gado, homem selvagem que não levava desaforo para casa”. (SOARES, 2013) Quando a mulher é mencionada nessa construção histórica é retratada como as “chinocas” ou “chinas”, que acompanhavam esse “peão” durante seu tempo fora de casa enquanto isso as esposas ficavam no ambiente doméstico esperando pelo retorno de seus maridos.

De acordo com os pressupostos do direito à comunicação, a mulher, aqui representada por Keila Louzada, está ocupando um cargo importante e privilegiado. Ser âncora de um programa possui grande visibilidade, segundo o ponto de vista da comunicação. Entretanto, esse espaço poderia ser aproveitado para evidenciar e debater as questões que envolvem a mulher nessa região. Indaga-se por que não existe uma pauta fixa e diária sobre a mulher dentro do programa, já que uma mulher está à frente do

microfone e, de modo geral, existem poucas oportunidades na mídia para se discutir as questões femininas. O princípio do jornalismo, segundo Traquina (2005), é de que o profissional da comunicação possui a proposição de fazer uma construção social de uma realidade, nesse sentido, a radialista poderia problematizar situações relativas à realidade da mulher, que segundo observamos aparece poucas vezes como pauta principal dentro do programa.

Não é só na região fronteira que isso deveria acontecer, nos veículos de comunicação muitas mulheres ocupam posições de evidência e esquecem pautas que poderiam contribuir para gerar discussões na sociedade em relação aos problemas que lhes dizem respeito. A carência dentro do jornalismo é investigar a fundo informações relacionadas a pautas sobre gênero. O Grupo A Plateia tem como intuito agradar seu público, trazendo à tona aquilo que o interessa em relação ao cotidiano, porém, o trabalho do jornalismo como concessão pública é ainda maior, visto que para a comunicação estabelecer seu trabalho de fato, é imprescindível que seja a partir daquilo que pode ser considerado justo, relevante e humano conforme os princípios jornalísticos.

O rádio possui um potencial de articulação grandioso na zona fronteira, é necessário que esse elemento seja a peça chave dentro do veículo de comunicação. É a partir da linguagem que o rádio ultrapassa os limites do real criando uma realidade que é representada com mais veracidade, a fala do locutor no microfone é percebida pelo ouvinte e proporciona uma relação de identificação, transparecendo a naturalidade desse veículo. É preciso apostar na humanização da mídia, “mesmo que a linguagem no rádio seja uma representação da realidade, ela produz no ouvinte a sensação de estar vivendo aquilo que está ouvindo, como uma intensa e emocionante viagem que conduz ao real” (RADDATZ, 2009, p. 75)

Os meios de comunicação surgem como uma possibilidade de oferecer pautas para a população discutir e não somente o contrário, Silverstone (2002) diz que a mídia se alimenta das práticas sociais da sociedade para produzir conteúdo e a sociedade também se alimenta da mídia para continuar formando suas opiniões e discussões. Assim, talvez a emissora esteja valorizando bastante as pautas trazidas pelos ouvintes através das redes sociais e pecando pela falta de provocar e produzir ela mesma pautas que contribuam para debates mais críticos sobre temas relacionados à problemática de gênero, uma questão emergente na sociedade contemporânea.

A RCC FM, por possuir o caráter de um suporte tecnológico presente na sua programação poderia se utilizar dessa influência em vários canais para trazer maior interação das mulheres em pautas de interesse delas. O rádio encontra mudanças na interatividade com os ouvintes, uma vez que esse veículo usufrísse apenas da narrativa sonora para alcançar seu público, hoje com a *web* encontra diversas ferramentas que auxiliam para o alcance ao seu público.

CONCLUSÃO

As mulheres estão lutando para assumir um papel de protagonismo dentro de uma sociedade com traços ainda machistas e preconceituosos. Com a construção de discursos machistas que apresentavam a figura feminina em uma posição de submissão por sua natureza de reprodução, a luta feminina assume seu papel em busca da igualdade de direitos. A mulher tem almejado seu espaço e conseguido inúmeras vitórias, reduzindo os limites que existem entre os gêneros, mas ainda há muito o que conquistar em termos de equidade.

Na região fronteira, a situação não é diferente. Além das dificuldades enfrentadas por seus habitantes com a violência e o tráfico de drogas, que seguidamente são divulgadas nas mídias tradicionais, a fronteira “*de la paz*” das cidades de Santana do Livramento, Brasil, com Rivera, no Uruguai, apresenta particularidades que contribuem para que se entenda melhor tal realidade, conforme discussão, deste texto que teve como guia a preocupação com questões de gênero na mídia radiofônica dessa região.

A partir do estudo de caso realizado com a emissora RCC FM, pertencente ao Grupo A Plateia de Comunicações, é possível entender que a mídia fronteira aborda em suas programações temas recorrentes ao espaço em que está inserida. Isso demonstra a importância do trabalho jornalístico para que ocorra a difusão dessas informações e se estabeleça a crítica e a reflexão sobre essa realidade.

Por todos os aspectos levantados durante o estudo, foram assinalados tópicos sobre a representatividade da mulher na fronteira. Conforme analisado, a RCC FM e o Grupo A Plateia demonstram cuidado ao abordar pautas referentes a feminicídios e demais casos de violência contra a mulher. Quanto ao programa Jornal da Manhã, observa-se que o número de pautas específicas sobre a mulher é pequeno em relação às demais abordadas durante a transmissão do mesmo. A ampliação do olhar sobre a violência doméstica e de gênero encontra reflexos neste lugar, pois ambos os lugares aqui

estudados (Brasil e Uruguai) possuem traços marcantes do machismo, que se caracteriza como a inferiorização da mulher.

O estudo feito faz pensar que ainda existe uma falta de questionamentos acerca dos problemas enfrentados pelas mulheres na fronteira de Livramento – Rivera, uma vez que encontra significativa carência na abordagem de pautas relacionadas às mesmas. O resultado da análise mostra que durante três dias de transmissão do programa Jornal da Manhã, apenas cinco notícias abordavam, especificadamente, sobre a mulher, sendo que na maioria delas a figura feminina referente ao acontecimento não era da região fronteiriça.

Com relação às entrevistas, mesmo que o assunto discutido fosse relacionado diretamente com o universo feminino, ainda assim a escolha da fonte não conta com diferenciação de gênero. Mesmo que os números de mulheres entrevistadas sejam mantidos durante os últimos dois programas analisados, poucas assumem o papel de especialista. O que chamou a atenção, é que duas das fontes entrevistadas eram donas de casa, as quais prontamente se dispuseram a falar com o repórter a fim de contribuir para a notícia.

O traço específico sobre a interatividade surge mais forte com a implementação das inovações tecnológicas à programação da rádio. Com a transmissão do programa também pela *lives* na rede social, os profissionais conseguem atingir um público que não é mais adepto ao processo de ouvir o rádio de maneira tradicional, através de um aparelho.

Assim, sabendo que o trabalho da RCC FM abrange diversas faixas etárias dos dois países, é considerável reforçar maior inclusão de pautas que incitem discussões sobre violência de gênero na região fronteiriça. Este é um problema social desmesurado cujas consequências levam aos mais tristes dos episódios. Ressaltar, pela mídia, o quanto ele acontece, possibilita que diversos fatos, protagonizados por mulheres agredidas de quaisquer maneiras, diminuam, paulatinamente.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**: a condição feminina e a violência simbólica; tradução Maria Helena Kühner. 1ª edição. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

BRASILEIROS NO MUNDO. **Resultados preliminares do censo de brasileiros no Uruguai**. Disponível em:

<<http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/noticias/resultados-preliminares-do-censo-de-brasileiros-no-uruguai>>. Acesso em: 05 out. 2018.

BRADA, Janete. **Entrevista pessoal**. Rádio RCC FM: Santana do Livramento, 08 de outubro de 2018.

BRASILEIROS NO MUNDO. **Resultados preliminares do censo de brasileiros no Uruguai**. Disponível em:
<<http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/noticias/resultados-preliminares-do-censo-de-brasileiros-no-uruguai>>. Acesso em: 05 out. 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 15ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CASTAÑEDA, Marina. **O machismo invisível**. São Paulo: A Girafa Editora, 2006.

COLLING, Ana Maria. **Tempos diferentes, discursos iguais: a construção histórica do corpo feminino**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2014.

LOUZADA, Keila. **Entrevista pessoal**. Rádio RCC FM: Santana do Livramento, 21 de setembro de 2018.

LOPES, Débora Cristina. Rádio com Imagens: uma proposta de sistematização do uso de vídeos em páginas de emissoras de rádio. **Brazilian Journalism Research** - Volume 8 - Número 2 - 2012.

MÜLLER, Karla. **Presença de fronteiras culturais na mídia local de fronteiras nacionais**. Cadernos de estudos culturais, Campo Grande - MS, v. 4, n. 7, p. 69-81, jan./jun. 2012.

RADDATZ, Vera Lucia Spacil. Rádio de fronteira: da cultural local ao espaço global. **Tese (Doutorado em Comunicação)** – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SOARES, Laís Góis. **Pensando as categorias de gênero e raça no universo tradicionalista: uma etnografia no centro de tradição Tiarayu, na zona norte de Porto Alegre**. Seminário internacional fazendo gênero, Florianópolis, v. 10, n. INSS 2179 – 510, p.111-222, 2013. Disponível em:
<http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373393225_arquivo_067genero.racaecorporalidade.pdf>. Acesso em: 26 out. 2018.

SSP, Secretaria de Segurança Pública - Departamento de Integração, Planejamento e Política de Segurança - Observatório Estadual de Segurança Pública. **Monitoramento dos indicadores de violência contra as mulheres e meninas**. Disponível em:
<<http://www.ssp.rs.gov.br/upload/arquivos/201805/18130728-indicadores-criminais-geral-2018.xlsx>>. Acesso em: 15 set. de 2018.

STURZA, Eliana Rosa. **Fronteiras e práticas linguísticas:** um olhar sobre o portunhol.
In: Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana. Vol. 2, No. 1 (3), Políticas da
Linguagem no Brasil, 2004.